

A CIDADE DO SALVADOR

Fotografias e comentários

de

AZIZ NACIB AB'SÁBER

Tanto o geógrafo, como o historiador ou o sociólogo encontram na velha metrópole do Recôncavo baiano um campo inesgotável para suas observações. De passagem pela capital da Bahia, o prof. AZIZ NACIB AB'SÁBER, sócio efetivo da A.G.B., em viagem realizada no início do ano corrente, colheu as fotografias, que aqui aparecem por ele próprio comentadas.

Contacto com a paisagem do S^o -- A aproximação da velha Capital da Bahia, para o observador que a atinge de avião, proveniente do Sul, guarda uma série de ensinamentos geográficos importantes. A partir do norte do Espírito Santo até o Recôncavo, domina uma linha de costas, monótona e baixa. Desdobram-se, a perder de vista, extensas praias barreiras, limitando planícies alagadiças com rios encarcerados atrás de areais retilíneos. Nas baixadas litorâneas, de origem flúvio-marinha, vêem-se sinais de antigas linhas de praias ultrapassadas, frutos de incorporações sucessivas que deram em resultado as planícies atuais.

Tudo isso sofre uma modificação espetacular à aproximação da Baía de Todos os Santos. Truncando radicalmente a linha de continuidade das costas razas e retilíneas, abre-se uma vasta baía, de origem tectônica, com seus 200 km de circuito e 1.052 km² de área. Ao contrário do que se observa na Guanabara, a Baía de Todos os Santos possui uma barra de acesso extremamente larga. Entre a ilha de Itaparica, no canal do Mar Grande, e a extremidade sudeste da escarpa do Salvador, medeiam 8,5 km. De certa forma, o interior da Baía de Todos os Santos resta escancarado para o Atlântico; fato que facilita sobremaneira o acesso ao porto, mas, pelo contrário, cria algumas pequenas dificuldades. Fez-se necessário, por exemplo, a construção de quebramares artificiais para uma melhor proteção do ancoradouro.

O maciço granítico-gnáissico do Salvador, com sua escarpa de "front" continental, voltada para WNW, seus morros e outeiros, forma, em conjunto, uma ponta larga e saliente, orientada de NNE para SSW. Esse fragmento de "horst" de rochas antigas, constituindo um bloco relativamente isolado na margem leste da Baía de Todos os Santos, representou o elemento mais importante para o estabelecimento da cidade luso-brasileira do século XVI. Um porto profundo e acessível, um sítio elevado e resguardado, varrido por suaves brisas, a cavaleiro de uma das mais extensas e excepcionais amuradas rochosas que o litoral brasileiro apresenta, valeram como uma combinação de elementos ideais para os que decidiram fundar ali a primeira cidade do Brasil (1549).

A escolha do sítio para a localização da cidade e da capital administrativa atendeu a quase todos os requisitos exigidos pela época e pelas circunstâncias históricas, que presidiram a colonização das terras portuguesas da América Tropical.

Não é objetivo das presentes notas, porém, fazer um esboço da geografia urbana do Salvador, cidade brasileira de 4 séculos de história muito densa e aglomeração humana que em 1950 atingia 395.993 habitantes. Os diversos trabalhos de Aroldo de Azevedo (1) a respeito da geografia regional do Recôncavo e da geografia urbana do Salvador, ao lado das "aquarelas" urbanas, contidas nos escritos de Jorge Amado (2), preenchem tôdas as necessidades bibliográficas para uma compreensão satisfatória do aglomerado urbano do Salvador. Aproveitamos a oportunidade para dizer, apenas, duas palavras a respeito do sítio e da estrutura urbana da Capital da Bahia.

O sítio e a estrutura urbana da cidade do Salvador. — Nada menos de quatro elementos topográficos estão presentes no relevo que asila o corpo principal das edificações urbanas da cidade do Salvador: 1.º — a estreita e razea planície da Cidade Baixa, encostada à escarpa do Salvador e continuada para o interior por colinas e planícies um tanto mais largas; 2.º — a *escarpa de linha de falha* do Salvador, com 60 a 80 metros de plano de falha exposto e pouco erodido, prolongando-se de SSW para NNE, através de mais de 20 km; 3.º — os altos *rebordos* e estreitas *esplanadas* suaves do *tôpo da escarpa*, na Cidade Alta, dispostas paralelamente aos elementos anteriores; 4.º — os *morros*, *outeiros* e *vales* bem marcados do reverso da escarpa, correspondentes à bacia de drenagem do alto Rio Vermelho, pequeno curso d'água que secciona o maciço do Salvador, buscando diretamente o Atlântico.

Em face de tal multiplicidade de elementos topográficos, que interferem no próprio coração do centro urbano, surgiram dificuldades as mais diversas para a circulação interna. Os problemas se iniciam logo na fachada marítima da cidade, onde a íngreme escarpa separa o porto e o comércio atacadista do resto do aglomerado urbano. Tratando-se de porções do organismo urbano, intimamente associadas, essa separação forçada complica todo o ritmo das atividades citadinas. Daí os grandes esforços das administrações para ligar a Cidade Alta à Cidade Baixa, através de ladeiras, viadutos em rampa, planos inclinados e elevadores. Por seu turno, o desenvolvimento natural da Cidade Alta fez-se das esplanadas superiores do tôpo da escarpa na direção dos vales do interior (bacia do Rio Vermelho), à custa de numerosas ladeiras convergentes. Daí existem ladeiras, de diversos tipos e amplitudes, tanto no "front", como no reverso da escarpa do Salvador.

A planície estreita da Cidade Baixa, a escarpa contínua e os altos rebordos do maciço do Salvador no tôpo da escarpa participam de uma rede de elementos paralelos, que determina o aspecto marcadamente *linear* da Cidade, conforme a observação já antiga feita pelo Professor Aroldo de Azevedo. O organismo urbano é linear na planície que se aperta entre as águas da baía e os sopés da escarpa, e é linear em relação aos altos rebordos da escarpa e da ponta geral do relevo conformado pelo maciço do Salvador. Somente não é linear em relação aos morros e outeiros esculpidos no reverso da escarpa, pelos vales formadores do rio Vermelho. Aí, onde se multiplicam os morros e espigões

(1) AZEVEDO (Aroldo de). *Requês e Paisagens do Brasil*, coleção "Brasiliana", vol. 274, da Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1952 — 4 tomos V e VI; e *Salvador et le Recôncavo de Bahia*, em "Cahiers d'Outre-Mer", n.º 15, Julho-Setembro de 1951, Bordeaux.

(2) AMADO (Jorge). *Bahia de Todos os Santos* (Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador), Liv. Martins, São Paulo, 1945.

divisores de perfil arredondado, esboça-se uma rede de ruas e avenidas de aspecto radial, seguindo os vales em busca dos bairros mais afastados.

Exceção feita desses elementos da topografia interna do Salvador, temos necessidade de nos referir aos bairros e subúrbios, que se desenvolveram no interior da baía, ao norte da Cidade Baixa, e aos bairros afastados que se alongam a partir da Barra e das praias de Amaralina para o norte, na direção do Aeroporto de Ipitanga. Tratam-se das duas orlas marítimas do maciço do Salvador: uma no interior da Baía, outra voltada frontalmente para o Atlântico. Ambas as áreas possuem elementos topográficos e geológicos bem diferentes dos que caracterizam o sítio urbano da porção central da Cidade.

O observador que se dirige para a península do Itapagipe, afasta-se a um tempo da planície estreita e rasa e da escarpa recoberta, para atingir as modestas elevações esculpidas nos primeiros afloramentos de folhelhos e arenites cretáceos do interior da baía. Por seu turno, da extremidade sudeste do maciço do Salvador, para o norte, bordejando o Atlântico, atravessam-se áreas onde estão presentes formas de abrasão e sedimentação marinhas. Ao lado de ativas plataformas de abrasão, erçadas de rochedos em desgaste, na forma de estrados rochosos esculpidos pelas vagas, incrustam-se extensas áreas de sedimentos arenosos, conformando belas praias. Essa a paisagem, que se desdobra de Amaralina e Itapoã, sem falar, naturalmente, nas plantações de coqueiros enfileiradas simetricamente além dos limites das marés altas na linha de praias. À aproximação de Ipitanga, observam-se altas dunas litorâneas, resultantes da grande força de transporte das brisas diurnas atlânticas na região. Massas enormes de areias avançam para o interior, formando dunas ativas ou colinas arenosas nas áreas onde a vegetação já fixou as areias. Os sedimentos arenosos das praias, retrabalhados pelo vento, já caminharão algumas centenas de metros para o interior, recobrendo pratos de terras da planície, assim como colinas pliocênicas, restos de terraços de abrasão antigos, rochedos e pequenos outeiros graníticos. À mingua de espaços planos, no maciço do Salvador, construiu-se o aeroporto do Salvador num sítio extremamente distante (cerca de 40 km do Centro da cidade), em uma planície fluvial, resguardada atrás de uma contínua e maciça linha de altas dunas costeiras.

Concluindo, devemos dizer que o Salvador, entre as grandes cidades do Brasil, é a que possui os maiores problemas de espaço urbano e circulação interna, em relação ao número de seus habitantes e à potência de seu crescimento. Isso explica, aliás, o fato de ter continuado, sem grandes modificações, o seu plano e estrutura urbana tradicionais. Apesar de estar à borda do Atlântico, ladeada por extensas planícies costeiras, é uma cidade de escarpas, morros e outeiros, onde os espaços planos são extremamente minguados. Nisto reside a maior parcela das paisagens pitorescas da cidade e a grande diferenciação de feições próprias do núcleo urbano; mas, resultam também os maiores problemas vitais que o organismo urbano possui.

As correções urbanísticas virão aos poucos e, provavelmente, à custa de grandes dificuldades. Os responsáveis pela cidade, nas mais diferentes épocas de sua história urbana, apelaram para soluções engenhosas: ladeiras, planos inclinados, elevadores. Agora, ultimam-se os planos para a abertura de túneis. E, assim, a velha cidade vem procurando resolver os seus problemas de *sítio urbano*, *plano de ruas* antiquado e *circulação interna*, dificultosa e complexa. As condições do sítio urbano, tão ideais para a cidadela dos governadores gerais, constituem hoje um entrave fundamental ao ritmo de vida da grande Metrópole do Recôncavo.



Foto n.º 1 — *A Ladeira da Montanha, o Elevador Lacerda e a Cidade Baixa.* — Panorama da cidade do Salvador, focalizando os elementos de ligação entre os dois corpos principais do aglomerado urbano: modernos elevadores e íngremes ladeiras engastadas sinuosamente na frente da escarpa. A Ladeira da Montanha (Rua Homem de Melo) é a mais notável via de acesso, para autos e caminhões, em relação à Cidade Alta. Note-se a extraordinária declividade de uma pequena ladeira variante que, saindo da Ladeira da Montanha, dá acesso mais direto para a Cidade Alta, à altura da rua Chile. A silhueta do Elevador Lacerda, salientando-se flagrantemente no conjunto das construções urbanas, continua sendo a balisa que melhor caracteriza a fisionomia da Capital Baiana. O casario da Cidade Baixa, iniciando-se pelas torres da igreja da Conceição da Praia, desdobra-se, depois, pelos sobrados e grandes edifícios da zona comercial e portuária. Ao longe, após uma réstea de águas da baía, os subúrbios setentrionais do Salvador, na península de Itapagipe. A escarpa granítico-gnaissica que, primeiramente, tem um alinhamento SW-NE, dez quilômetros depois, adquire direção S-N, desprendendo esporões com frente voltada para W. Um desses esporões mais salientes pode ser observado, no último plano da fotografia, ao centro, servindo de moldura para o litoral da península do Itapagipe. Foi exatamente aí, na localidade denominada Lobato, numa área em que os arenitos e folhelhos icretáceos da série Baix entraram em contato com os terrenos cristalinos da escarpa, que se descobriu petróleo pela primeira vez no Brasil, em janeiro de 1939.

Foto n.º 2 — *A escarpa do Salvador exibindo, no alto, os grandes edifícios da zona comercial "chic" da cidade.* — Fotografia tomada de um ponto da feira de frutas, que funciona no lado do Mercado Modelo. A despeito de abranger uma das áreas de maior urbanização da cidade, a fotografia deixa bem flagrante o fato da frente da escarpa ter permanecido, até hoje, sem ocupação efetiva, devido à sua grande declividade. A ruptura de declive da escarpa varia, em média, entre 60 e 80 metros. Percebe-se, logo à primeira vista, que o "front" da escarpa, nesse trecho, assila apenas rampas de íngremes ladeiras escavadas nas massas rochosas da região. Nota-se, perfeitamente, a linha de balustradas da Ladeira da Montanha e de suas variantes. Os grandes edifícios empoleirados no topo e altos rebordos da escarpa, correspondem aos fundos dos prédios comerciais da Rua Chile ("Casas Duas Américas", "Sloper", etc.). Os velhos sobrados de 3 a 4 andares, do passado, estão sendo substituídos, aos poucos, por arranha-céus de 8 a 10 andares, os quais permanecem, entretanto, na mesma incômoda posição ditada pelas condições topográficas acidentadas do *sítio urbano*. Atendendo às imposições do relevo, velhos sobrados como modernos arranha-céus, continuam tendo altura e número de pavimentos desiguais, quer se trate da frente ou dos fundos dos edifícios. As construções da Cidade Baixa, representadas por velhos sobrados de feição lusitana, nasceram encostadas no soco do paredão rochoso, correspondendo a tradicionais empórios e armazéns da zona cerealista desenvolvida junto ao porto da Baía. Referindo-se a essa área da Cidade Baixa, assim nos fala Jorge Amado: "Antigamente, quando o mar não se quebrava, no cais, quando vinha até os fundos do Café Pirangi, esta parte da cidade era tipicamente portuguesa, com seus casarões, seus azulejos, suas escadas incômodas, um cheiro a mercadorias importadas característico de armazéns e mercarias. — Ainda é essa a sua feição mais marcante. As ruas mais próximas ao morro e às ladeiras que partem em busca da Cidade-Alta, igrejas como a da Conceição da Praia, que veio pronta de Portugal para ser armada aqui, tudo isso recorda as cidades portuguesas". Os grandes arcos que se vêem no topo da escarpa, à esquerda da fotografia, representam uma velusta e maciça amurada encastrada na rocha viva, para facilitar o acesso de uma das ladeiras variastes. Tratam-se dos "buracos acimentados onde ferroiros trabalham e nos quais, por incrível que pareça, já residiram famílias", a que se refere o escritor Jorge Amado, em *Bahia de Todos os Santos*.

Foto n.º 3 — *A escarpa do Salvador em um de seus trechos mais íngremes e menos urbanizados.* — Note-se a continuidade do paredão escarpado e a alta declividade de suas encostas. Dominando o alto beiral da escarpa, pode ser visto o casario do bairro do Pilar, representado por sobrados irregulares, espremidos uns contra os outros. Tratam-se dos fundos das casas da rua do Carmo e do Passo, cujas fachadas, no reverso da escarpa, são casas térreas ou, quando muito, sobrados de apenas dois pavimentos. Referindo-se a tais edificações, diz-nos Jorge Amado: "Casas, cujas fachadas simples dão para as ladeiras, descem o morro numa sucessão de andares para baixo, arranha-céus ao vice-versa. Ficam trepidas no morro como se fossem largas e estranhas escadas. — Seu colorido rosa ou azul brilha este o verde da montanha." A fotografia nos mostra, ainda, no alto, à direita, as torres das igrejas do Carmo e Ordem Terceira, completando os elementos arquitetônicos que melhor caracterizam a fisionomia urbana da velha Capital da Bahia.

Bananeiras, árvores frutíferas esparsas e ervas daninhas, tornam um tapete irregular de verdura no "front" da escarpa, constituindo os mais íngremes e incômodos quintais que conhecemos no Brasil. Aqui e acolá, em patamares intermediários muito ligeiros, salientes no dorso da escarpa, vêem-se ruínas de antigas edificações da Cidade Baixa. Tratam-se dos alçerces e muros de arrimos das velhas casas de comércio, que foram construídas ao sopé e primeiras encostas do paredão, ao tempo em que as águas da Baía ainda chegavam até ali. Os grandes alçerces posteriores, ligados às obras do porto, ganharam espaços novos, modificando a estrutura urbana e modernizando a fisionomia da zona comercial da Cidade Baixa. Com isso, velhos edifícios do tradicional "comércio" da Baía, foram abandonados e destruídos. Daí, também, o fato de, hoje, em alguns pontos, descobriam-se a frente da escarpa, de alto a baixo, aliviada de suas antigas edificações. Entretanto, para a incorporação definitiva daqueles singelos cenários à estrutura urbana da Metrópole, impõem-se grandes obras de urbanização. Para se vencer os desníveis do aglomerado urbano nessa área, existem apenas dois velhos e úteis planos inclinados. Um dia, talvez, tábuis, escadarias e rampas ajardinadas, venham modificar a selvagem paisagem da escarpa do Salvador.

Foto n.º 4 — *Panorama da área comercial e portuária da Cidade Baixa, no Salvador.* —

Sobradões maciços, com extensas fachadas de azulejos portugueses, ao lado de arranha-céus e edifícios de linhas modernas, refletindo as sucessivas vagas das épocas arquitetônicas. Os edifícios que bordejam a área portuária, de modo geral, são muito mais modernos, tendo sido construídos em área de aterramentos recentes. Note-se, no último plano, um dos quebra-mares de proteção do porto e, ao fundo, a silhueta da península do Itaparicá, com os subúrbios setentrionais da cidade. A fotografia foi tomada da Praça Municipal, na Cidade Alta, de um mirante situado ao lado do Elevador Lacerda.

Foto n.º 5 — *O edifício do Instituto do Cacau e um trecho do porto do Salvador.* —

A fotografia, tomada durante a ascensão pelo plano inclinado do Pilar, dá-nos uma idéia do espaço conquistado ao mar, na Cidade Baixa. O porto, as praças e os grandes edifícios, que aí se vêem, foram construídos sobre atêrros. Embora se trate de uma estreita faixa de terras planas, apertadas entre o cais do porto e o sopé da escarpa, os terrenos ganhos ao mar tiveram uma importância excepcional para a urbanização e remodelação da Cidade Baixa. Até hoje, pode ser observado um grande contraste arquitetônico entre os edifícios antigos, que se desenvolveram junto ao sopé dos paredões escarpados, e as modernas edificações surgidas na área aterrada. Observe-se, na fotografia, o canal de acesso ao porto, existente no vão que separa os dois quebra-mares protetores. A fumaça de um dos navios ancorados dificulta a visão do Forte de São Marcelo, construído em pleno mar, no interior do porto, próximo ao quebra-mar recurvo que se volta para o Atlântico. No horizonte, salienta-se bem a faixa de terras da ilha de Itaparicá, com suas colinas e lombadas suaves, esculpidas em terrenos sedimentares. Trata-se exatamente da face da ilha que apresenta afloramentos de arenitos e folhelhos cretáceos da série Baía.

Foto n.º 6 — *Uma visão de massa das edificações urbanas da velha cidade da Bahia.* —

O aspecto, que melhor caracteriza a fisionomia ínterna do Salvador, é o bloco compacto de seus casarões, sobradões e velhas igrejas, recobrindo as ondulações sucessivas dos morros e detúros. Feita a abstração dos edifícios modernos, esse panorama do Salvador funciona como que uma ampliação desmesurada da estrutura urbana das velhas cidades de Minas Gerais: ampliação no que se refere à área urbana, volume dos casarões, e número de pavimentos dos sobradões. Observe-se que, em conjunto, o estilo barroco dos sobradões e casarões da Bahia aproxima-se muito mais dos moldes lisboetas, que dos estilos híbridos coloniais e imperiais brasileiros. Áreas enormes do Salvador, como as que foram retratadas nesta fotografia, apresentam traços da paisagem da capital portuguesa. Em outras palavras, há muito de Lisboa na paisagem urbana do Salvador. Apenas as igrejas refletem o colonialismo e o barroco brasileiro típicos. Não há a negar, por outro lado, uma grande homogeneidade no conjunto da arquitetura urbana herdada do passado. Em alguns trechos da cidade, os elementos novos introduzidos no segundo quartel do presente século constituem verdadeira exceção e anomalia. Note-se, por exemplo, o majestoso perfil do "Forum Ruy Barbosa", com suas linhas modernas e monumentais, sobressaindo-se discordantemente por sobre a massa das velhas edificações dominantes na cidade.

Foto n.º 7 — *A Baía da Ladeira do Pelourinho.* — Trata-se de uma ligeira depressão escavada pela raiz de um vale que desce do reverso da escarpa do Salvador. Ladeiras de todos os tipos e inclinações, ladeadas por grandes e velhos sobrados, convergem para essa minúscula praça. As rampas que cruzam tortuosamente o perfil transversal do vale fazem a ligação entre o Terreiro de Jesus e o Carmo. Na fotografia, avistam-se as torres da Igreja do Carmo e da Ordem Terceira e uma das torres da Igreja do Passo. Note-se que todas as igrejas foram plantadas em posições proeminentes, nas pequenas esplanadas do topo dos montes e espigões divisores. As ruas que acompanham o eixo do vale têm o importante papel de ligar o elevador do Tubuão ao vale que anicha a famosa Baixa dos Sapateiros, localizada ainda mais para o interior. Disto tudo resulta uma situação de entroncamento forçado para a parte inferior da Ladeira do Pelourinho. Da Ladeira do Pelourinho à Baixa dos Sapateiros estende-se o Centro pobre do Salvador, em oposição ao Centro moderno e de, certa forma, rico da Rua Chile e Praça Municipal, e, ao Centro comercial e bancário da Cidade Baixa, contíguo ao porto. A fotografia, tomada em um dia comum de trabalho, nos mostra a movimentação relativamente grande de pedestres nas ruas e as vestes modestas dos transeuntes, refletindo a penúria das condições econômicas reinantes. Jorge Amado dá-nos uma idéia bem fiel da vida urbana da região retratada: "A Ladeira do Tubuão, para aqueles que a sobem desde a Cidade-Baixa, escombinando o tostão do elevador, se divide em duas etapas. A primeira vem do alto do elevador, em meio à ladeira. A segunda parte dali (ou de um pouco antes, onde a ladeira faz um cotovêlo) e vem até o sopé da Ladeira do Pelourinho. A Ladeira do Tubuão, durante as horas do dia, joga gente na Baixa dos Sapateiros e dela recebe gente em busca da Cidade-Baixa." Mais impressionantes do que a paisagem exterior são a vida penosa e o ambiente malsão reinante no interior daquelas habitações aglomeradas. Diz-nos o escritor que, talvez, melhor conhece a sua cidade: "As escadas, na escuridão de corredores tétricos, sobem em degraus carcomidos. Ali dominam os ratos, senhores indiscutíveis dos prédios. A higiene é uma palavra desconhecida. Cada um desses casarões deixa uma espantosa renda aos seus vários proprietários. Uma gente esfomeada e doente sobe as escadas diariamente. Vêm dos trabalhos mais diversos, vão em busca do descanso nos quartos mal-cheirosos. Sabe-se a vida de todos os vizinhos, pois é inteiramente impossível alguém conseguir um pouco de solidão, de isolamento num desses sobrados." Tivemos ocasião de constatar a veracidade dessas e outras informações do autor de *Bahia de Todos os Santos*, em uma visita recente que fizemos à velha cidade. Na realidade, existem umas duas dezenas de quarteirões aglomerados, de "miseros cortiços com fachada de velhos palácios", que mereceriam ser completamente extirpados da tradicional Metrópole do Recôncavo.

Foto n.º 8 — *Paisagem urbana da Rua do Carmo, à saída do Plano Inclinado do Pilar.* — Trata-se de uma velha rua, disposta em ligeiro crescente num dos altos rebordos da escarpa do Salvador, 2 km a NNE do centro da Cidade Alta. Ai se inicia o tradicional bairro de Santo Antônio, uma das poucas áreas típicas de classe média, existentes nas proximidades da zona central do Salvador. A frente dos edifícios está voltada sempre para as ruas, olhando para o reverso da escarpa do Salvador; ao contrário, as dependências dos fundos dos prédios voltam-se diretamente para o grande cenário representado pelas águas da Bahia de Todos os Santos. Nas observações feitas às fotografias anteriores já fizemos notar os contrastes existentes entre a fachada e os fundos de tais edificações empoleiradas nos altos rebordos da escarpa. Note-se a extrema bizarria de detalhes arquitetônicos que caracteriza a fachada dos prédios. Na Bahia, o estilo barroco lusitano alcançou um exagêro e uma exaltação, não encontrados em nenhuma outra parte do Brasil. As ruas do Carmo e Direita de Santo Antônio preservam riquezas arquitetônicas dos velhos estilos, que tão bem caracterizaram uma época em Portugal e no Brasil. Não tendo sofrido modificações palpáveis, o bloco das edificações desses pacatos bairros do Salvador guardam todos os cenários da paisagem urbana das grandes cidades brasileiras em épocas recuadas. Observando um ângulo tão original da velha cidade, não podemos deixar de transcrever algumas anotações do escritor Jorge Amado, a respeito da vida que movimentava estas bizarras edificações urbanas: "As casas apertadas, de parede-meia, são incômodas em geral. Alguém já explicou que o nortista demora tão pouco em casa, saindo obrigatoriamente à noite para os cafés e os bate-papos, porque as casas não convidam a ficar. Ficam as esposas que não têm outro jeito, a mulher ainda vive sob um regime absolutamente feudal na Bahia, principalmente a pequeno-burguesa. Mas os maridos, mal terminado o jantar, partem para a rua. A sala de visita, com os móveis mais caros, só se abre nos dias de festa, aniversários e batizados, ou quando de visitas cerimoniais. Restam os quartos e a sala de jantar. Os móveis são tão incômodos quanto estas casas sem varanda, escuras, pouco arejadas." Se é que os edifícios valem pela vida que os anima, aqui ficam as informações de um escritor da cidade, a respeito das feições mais íntimas dos episódios quotidianos.

Foto n.º 9 — *Aspectos dos sobradões da área de "deterioração social" contigua ao centro da Cidade Alta.* — Sobradões da Ladeira do Paço, empurrados e enfileirados na encosta da íngreme ladeira. Trata-se de uma rua acidentada que liga o largo do Carmo à baixada da Ladeira do Pelourinho. A arquitetura dos sobradões reflete linhas colossais, marcadamente barrocas e lusitanas. Essas velhas edificações, que formam um bloco compacto, contigua ao centro principal da Cidade Alta, constituem hoje a área de deterioração social mais deprimente que a cidade do Salvador apresenta. Os antigos sobradões e casarões coloniais dessa parte da cidade foram transformados extensivamente em prédios coletivos, malsãos e anti-higiênicos. São absolutamente incríveis as cenas e os ambientes entristecedores que povoam os corredores, escadas e grandes salões subdivididos em tabiques, desses grandes edifícios. Ali reside uma infeliz multidão de parias urbanos, na mais impressionante mistura e promiscuidade: famílias pobres ou empobrecidas, malandros e prostitutas, velhos, crianças ou mocinhas sem lar fixo. Talvez seja por ter observado esses fatos deprimentes que, há pouco tempo, o escritor Érico Veríssimo declarou a um jornal paulista: "Os contrastes na cidade do Salvador são assustadores. Aqui um 'Caddillac' ao lado dum burrico. Ali uma igreja ao lado de um prostíbulo. Na Bahia, não há propriamente uma classe média. A miséria lá não é periférica, como na maioria das cidades brasileiras. A miséria mora no centro da cidade, em cortiços, cabeças de porco e, até sobre os arcos dos viadutos." Terminando suas impressões, fez o conhecido escritor uma crítica feliz e oportuna a uma mentalidade muito arraigada entre nós: "Claro, tudo isso é pitoresco, é colorido... mas você não acha que a miséria dos outros não é um prego demasiadamente alto e encol para esse pitoresco?" Lembrando-nos daquelas ruas e ladeiras que, de certo modo, imitam as "Casbá" do Norte da África, em pleno coração da nossa muito querida e muito brasileira cidade do Salvador, temos que concordar com as sutis observações do escritor sulino.

Foto n.º 10 — *O porto dos saveiros e o rompa do Mercado.* — Note-se a extraordinária movimentação do cais dos veleiros, que transportam e movimentam as singelas riquezas do Recôncavo. Situado em frente do Mercado Modelo, o pequeno cais dos saveiros constitui um compartimento importante do porto e da cidade do Salvador. Apresenta uma verdadeira continuação do Mercado, em pleno ar livre e no meio da via pública. Entre a rampa do minúsculo cais e os portões do Mercado, as mercadorias recém-chegadas de todas as áreas do Recôncavo são expostas caoticamente pelo chão. Ali se vêem, constantemente, na maior desordem, grandes cestos de pescado, enormes jacas, morangas e abóboras, pilhas de sacos de farinha de mandioca, laranjas e abacates, pirâmides de cachos de bananas, mamões e mandiocas além de material de construção, barris de bacalhau, etc. Frutos e alimentos de todos os tipos e paladares. E, sobretudo, frutos e coisas da própria região. Completando o quadro, homens e mulheres, apresentando as mais variadas cores de pele; uma pequena multidão, na qual se misturam compradores, vendedores, barqueiros, carroceiros, carregadores e marinheiros. Negros hercúleos, de camisas suarentas, mulatos avantajados de corpo, com seus alongados chapéus de palha e suas vestes pitorescas. No conjunto, o domínio quase absoluto das cores claras nos elementos do vestuário feminino ou masculino.

Foto n.º 11 — *O porto do Salvador.* — Embora se trate de um dos dez maiores portos do Brasil, não se destaca entre os nossos grandes portos, nem pela extensão de sua linha de cais e armazéns, como também pelo número de seus guindastes, pontes rolantes ou extensão de linhas férreas internas. Entretanto, é um porto moderno, de feições agradáveis, de grande limpeza, e, sobretudo, um aparelho portuário perfeitamente em equilíbrio com a tonelagem de cargas a que atende. O porto do Salvador desconhece aqueles problemas peculiares a Santos e Rio de Janeiro, tais como congestionamento, movimentação excessiva, falta de espaços, etc. Em seu trabalho sobre *A cidade do Salvador*, Aroldo de Azevedo sintetiza, de modo criterioso, os principais traços que caracterizam o moderno porto da velha cidade. São de sua lavra as seguintes observações: "Salvador continua a ser um grande porto de cabotagem, que se acha em permanente contato com os maiores mercados do país, sobretudo com o Rio de Janeiro e com Santos. Por isso mesmo, a maioria dos navios que frequentam seu cais trazem a bandeira nacional. — Entre os produtos que exporta, ocupam lugar de destaque: o cacau, o fumo em folhas ou manufaturado, a mamona, a piassava, pedras preciosas, cera de carnaúba e licuri, couros e peles, borracha, etc. — o que seria o mesmo que disséssemos produtos do sul do Estado (região de Ilheus e Itabuna), do próprio Recôncavo, da Chapada Diamantina, do vale do São Francisco. Uma verdadeiro mostruário da economia de todo o Estado. — As instalações do porto não são grandiosas, mas atendem às necessidades do seu movimento: compreendem 1480 metros de cais acostável, 10 armazéns, 22 guindastes (elétricos e a vapor), 16 pontes-rolantes, 3.600 metros de vias-férreas internas." O advento de novas riquezas no Recôncavo, tal como o petróleo, poderá trazer um ritmo de vida novo e diferente para o porto do Salvador. Nada se pode prever com relação às modificações gerais que disto lhe poderá advir.

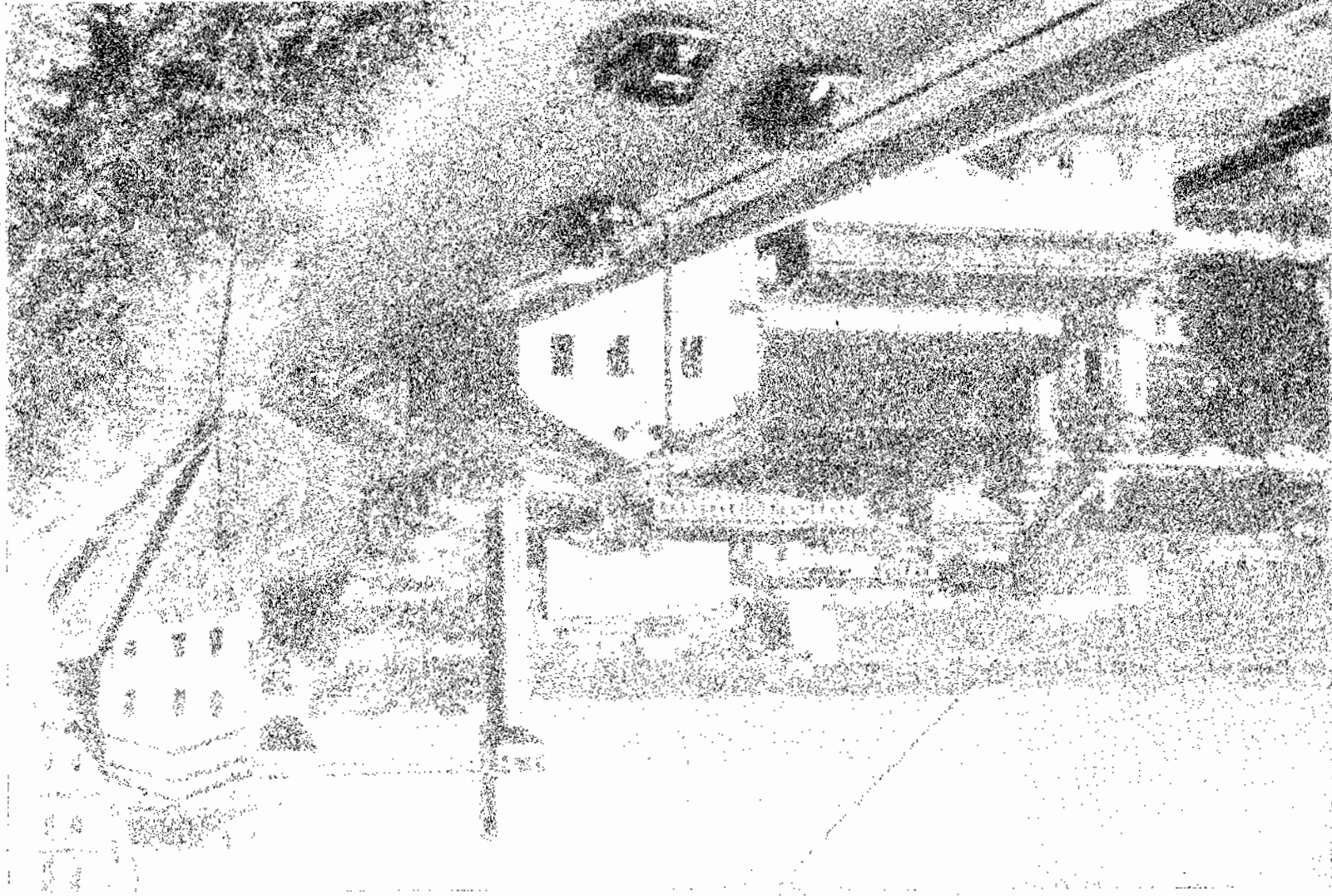
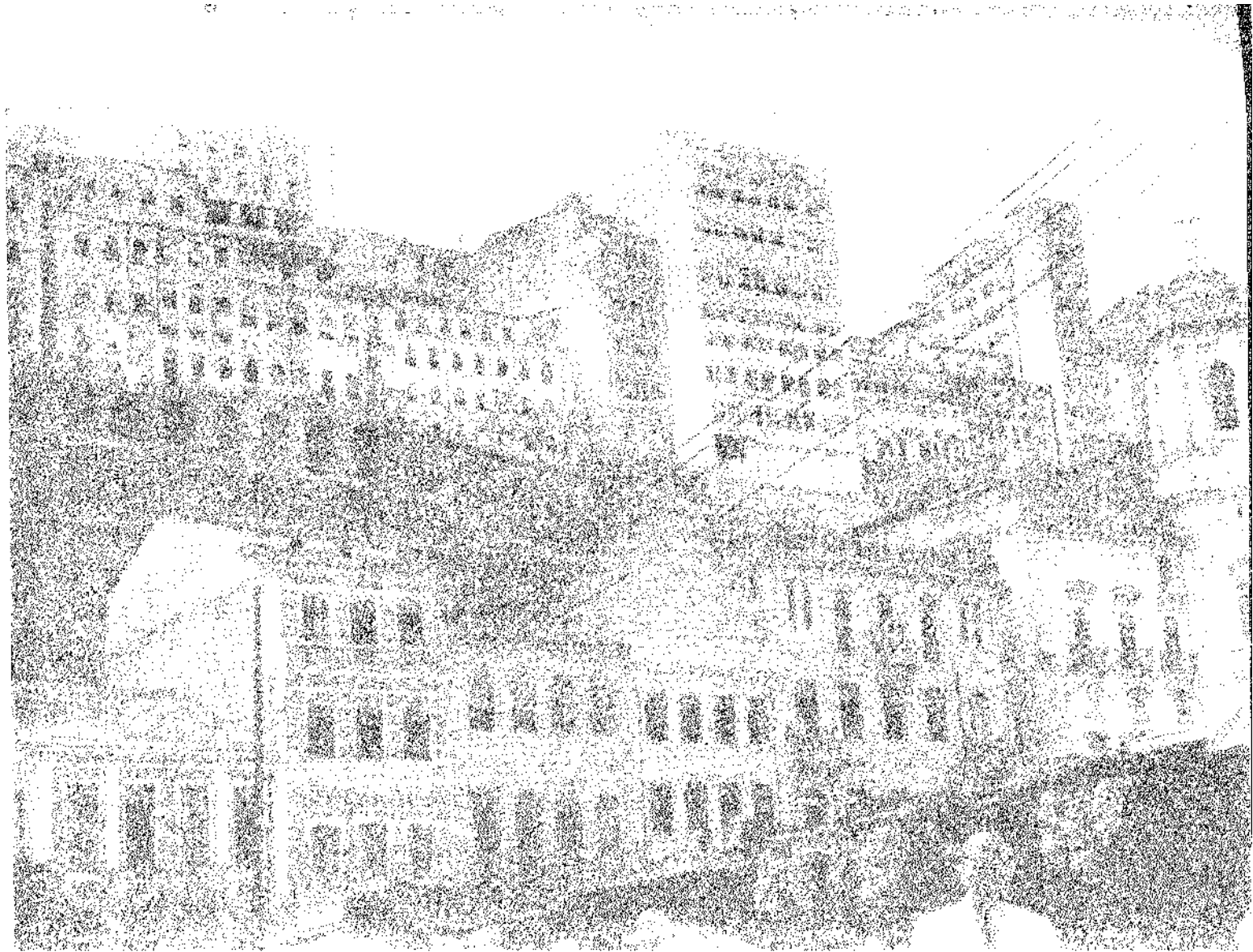


PHOTO 215

FOI b 7 - D



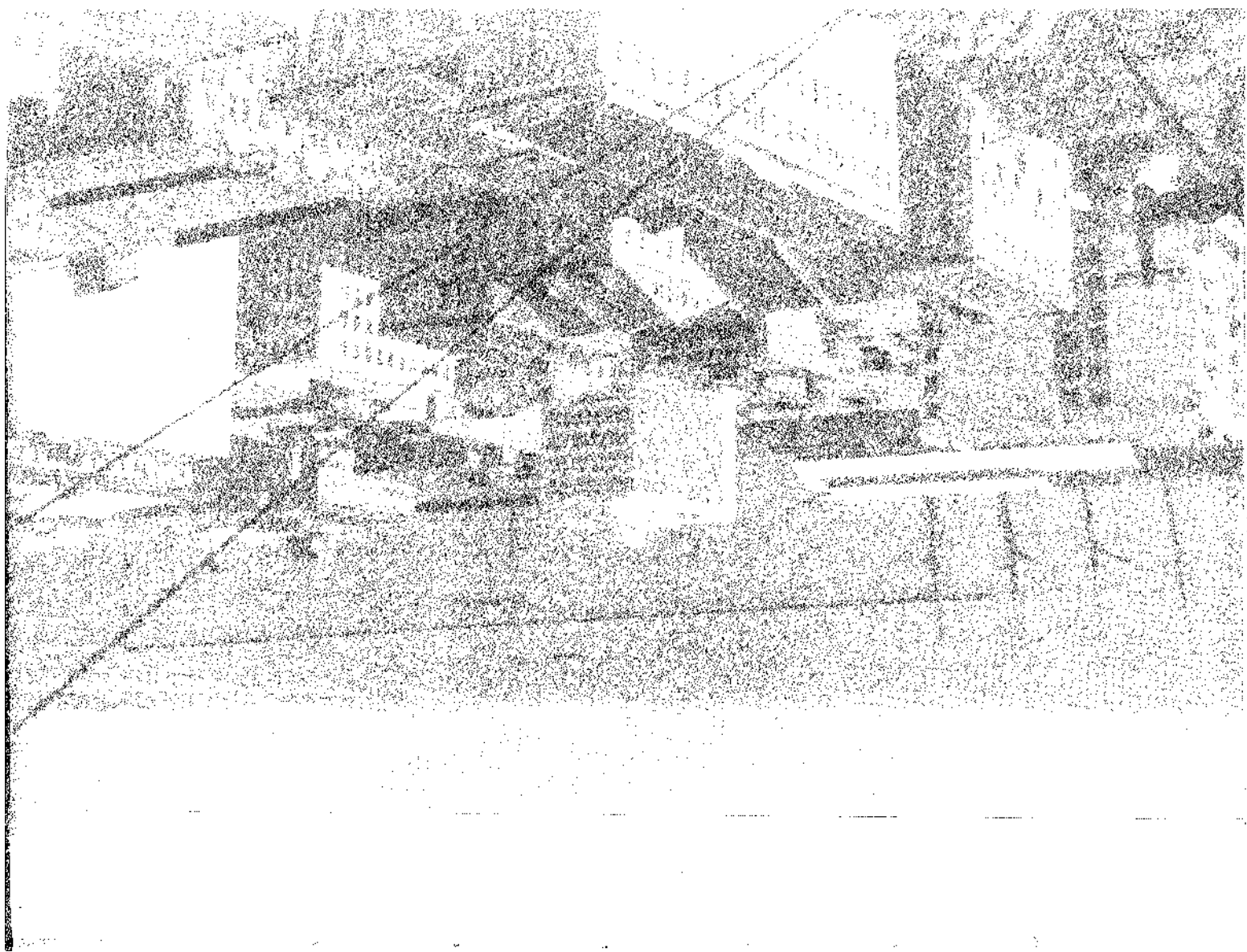


PHOTO No. 4

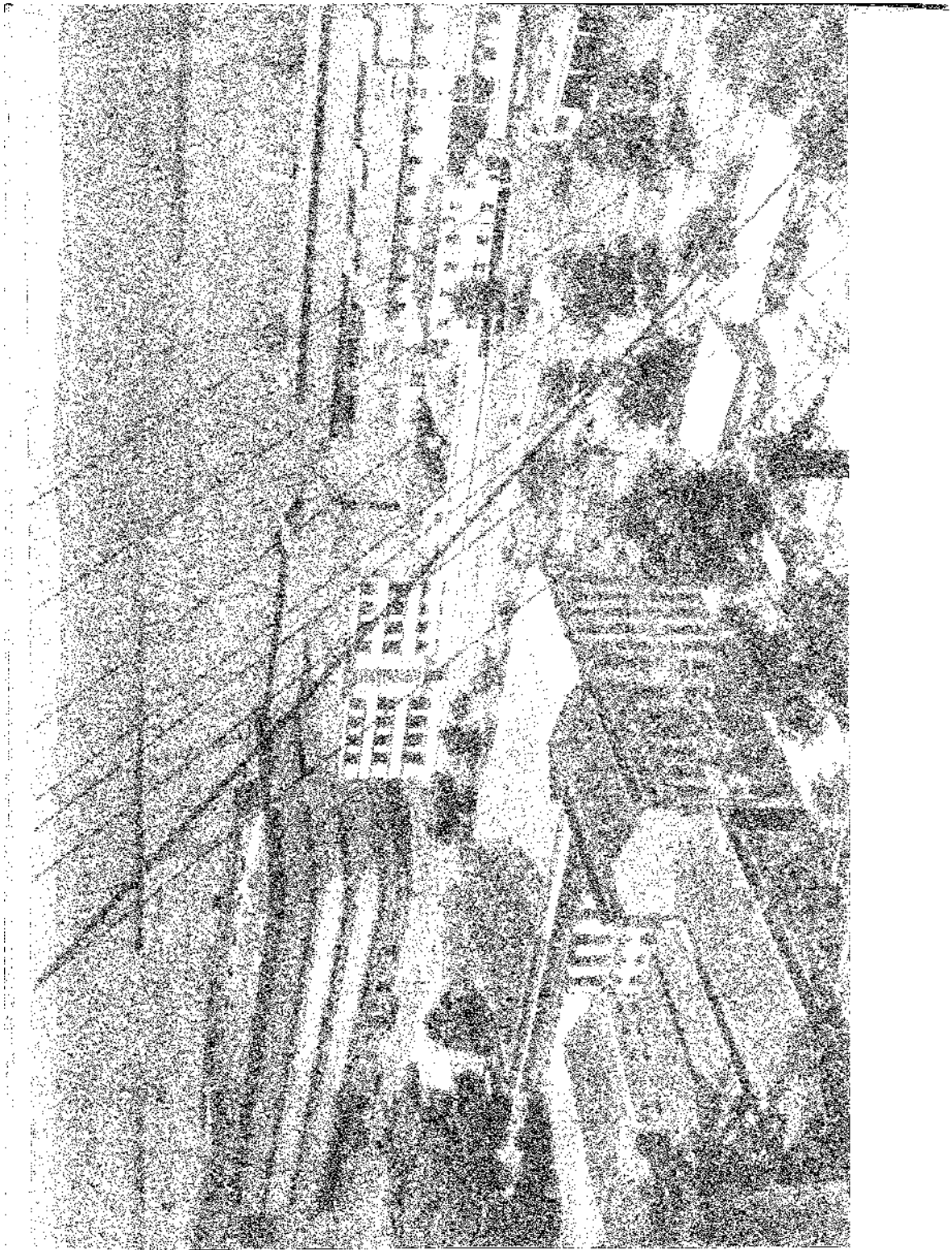


ФОТО № 3

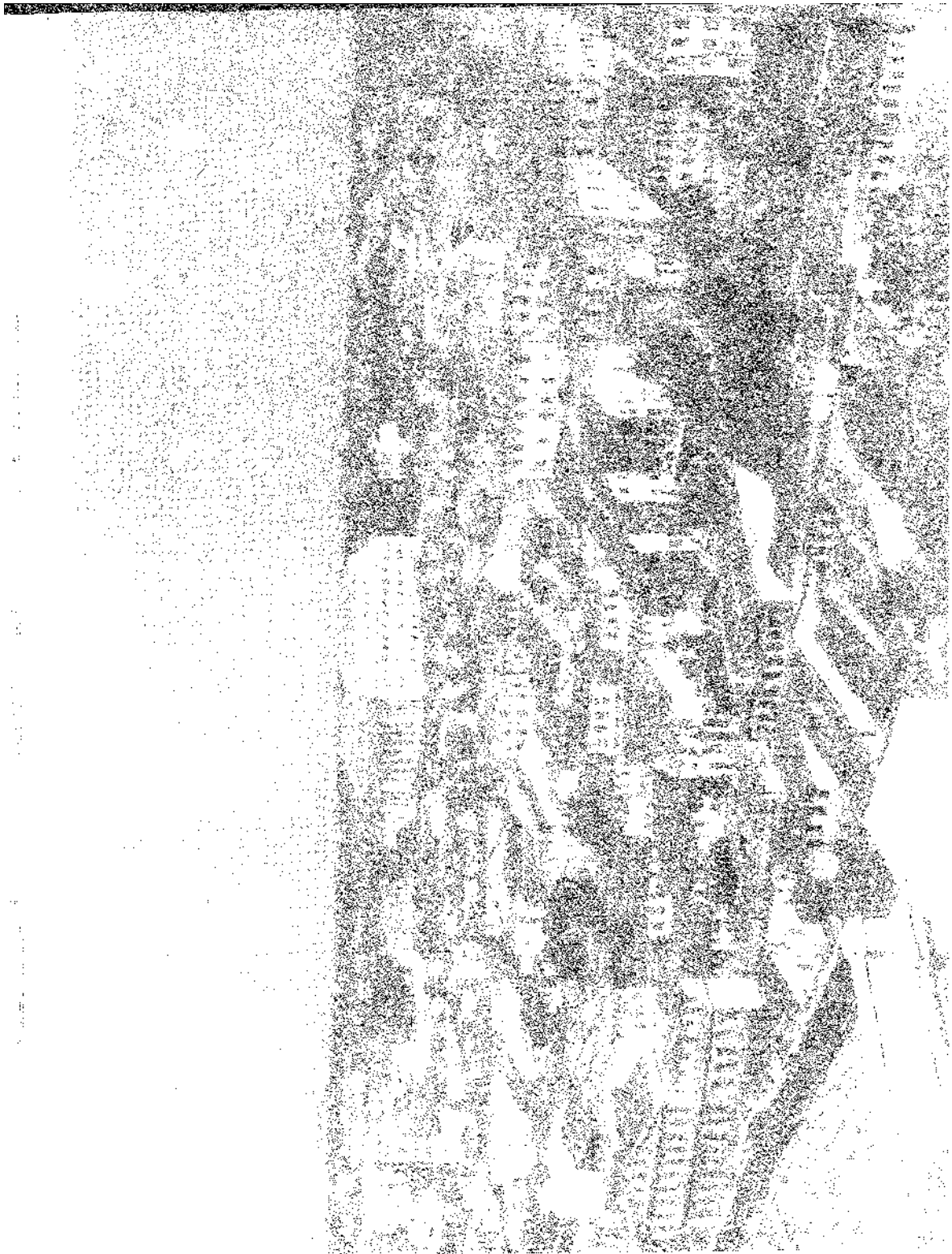


FOTO K-8

2-18-0101

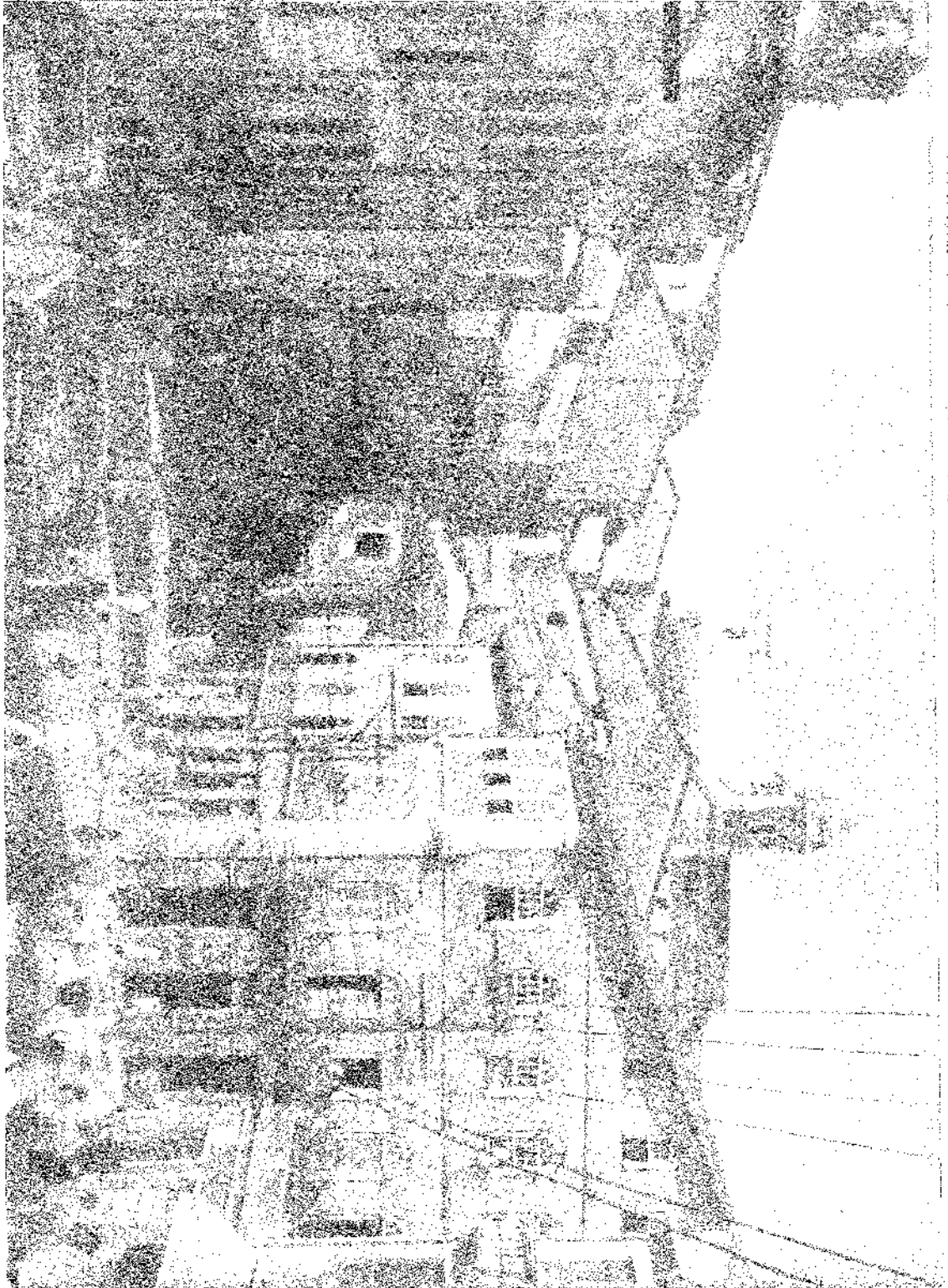
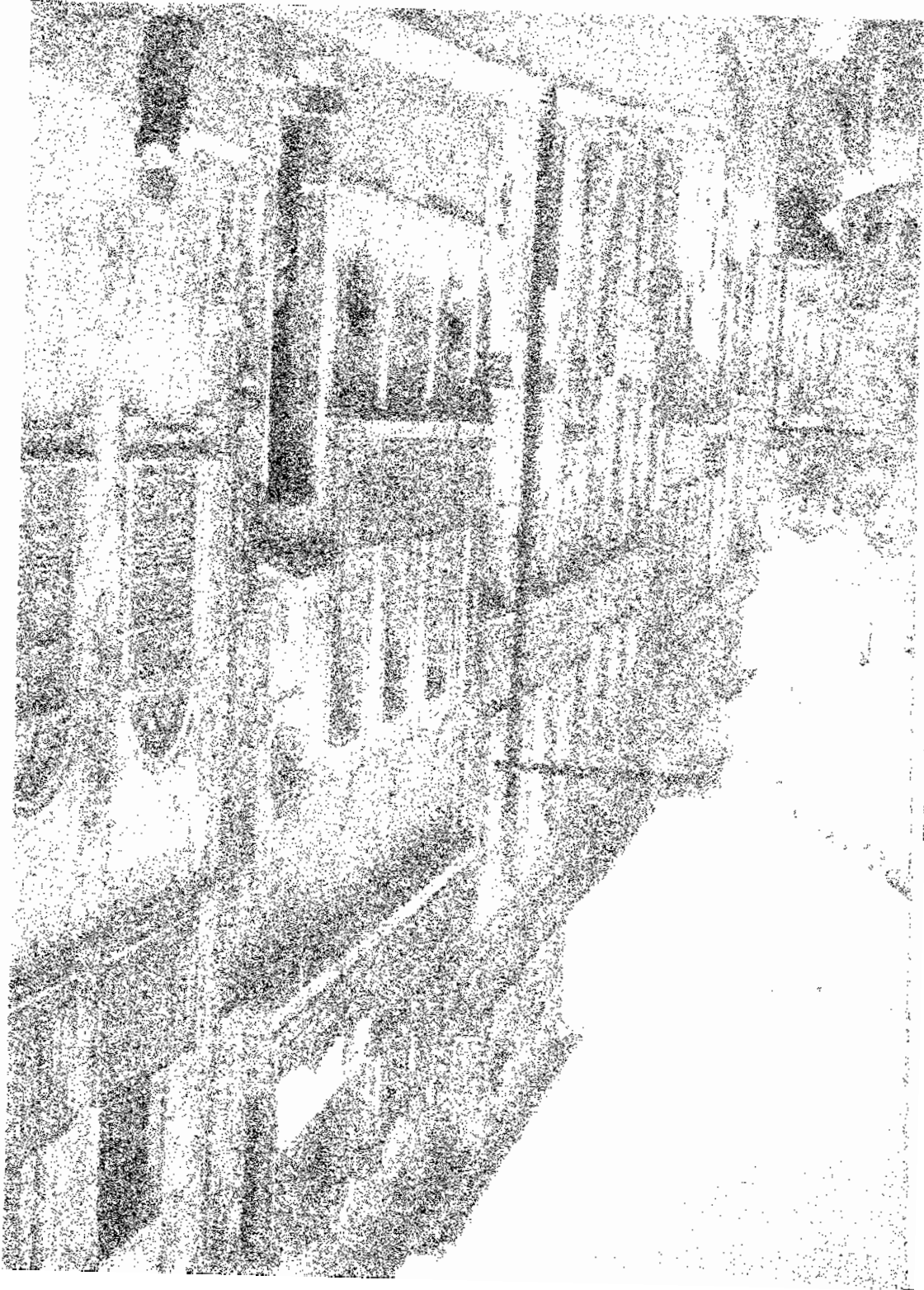


FOTO N. 8



FOTO N.º 9





H. W. OLSA

